

## AS COMPLICAÇÕES GINECOLÓGICAS DA ENDOMETRIOSE E SUAS IMPLICAÇÕES NA QUALIDADE DA SAÚDE MENTAL DOS PACIENTES

Gabriella Mariane Freire Ramos<sup>1</sup>

Lucas Pinheiro Costa<sup>2</sup>

Ana Beatriz do Nascimento Miranda Cantal<sup>3</sup>

João Pedro Ferreira Magalhaes Moreira<sup>4</sup>

Maria Eduarda Santana Carneiro<sup>5</sup>

**RESUMO:** A endometriose, uma condição ginecológica crônica caracterizada pelo crescimento anormal de tecido semelhante ao endométrio fora do útero, tem sido associada a complicações significativas que transcendem o domínio físico, influenciando a saúde mental das pacientes. A interseção entre as complicações ginecológicas da endometriose e seus impactos na saúde mental destaca a complexidade dessa condição, abordando questões como dor crônica, infertilidade e desafios emocionais. Compreender as implicações psicossociais é crucial para uma abordagem holística e eficaz no manejo da endometriose. **Objetivo:** Este estudo busca realizar uma revisão sistemática da literatura recente para analisar as complicações ginecológicas da endometriose e sua relação com a saúde mental das pacientes. O objetivo é identificar padrões, lacunas e tendências na pesquisa, fornecendo uma síntese abrangente das evidências disponíveis. **Metodologia:** A metodologia seguiu as diretrizes do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). As bases de dados utilizadas foram PubMed, Scielo e Web of Science. Foram empregados cinco descritores principais: endometriose, complicações ginecológicas, saúde mental, impacto psicossocial e qualidade de vida. Critérios de inclusão envolveram estudos publicados nos últimos 10 anos, focados em pacientes com endometriose, complicações ginecológicas e saúde mental. Critérios de exclusão incluíram estudos com amostras heterogêneas, ausência de dados relevantes e métodos inadequados. **Resultados:** A análise dos artigos revelou uma associação significativa entre complicações ginecológicas da endometriose e impactos adversos na saúde mental das pacientes. Temas recorrentes incluíram a influência da dor crônica na qualidade de vida emocional e a relação entre a infertilidade decorrente da endometriose e o bem-estar psicológico. **Conclusão:** Esta revisão sistemática destaca a importância de considerar não apenas os aspectos físicos, mas também os psicossociais da endometriose. O entendimento abrangente dessas complicações pode informar estratégias de tratamento mais eficazes, visando melhorar a qualidade de vida global das pacientes.

**Palavras-chaves:** Endometriose. Complicações ginecológicas. Saúde mental. Impacto psicossocial e qualidade de vida.

<sup>1</sup>Médica Centro Universitário Atenas (UniAtenas).

<sup>2</sup>Acadêmico de medicina, Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais- FCMMG.

<sup>3</sup>Acadêmica de Medicina, UNINILTON LINS - Universidade Nilton Lins.

<sup>4</sup>Acadêmico de Medicina, Universidade José do Rosário Vellano – UNIFENAS.

<sup>5</sup>Acadêmica de Medicina, Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais- FCMMG.

## INTRODUÇÃO

A endometriose, uma condição médica complexa, transcende a esfera meramente ginecológica, manifestando-se como uma interação intrincada entre sintomas físicos e desafios psicossociais. Em primeiro plano, destaca-se o impacto avassalador da dor crônica associada à endometriose, uma experiência que vai além do domínio físico, permeando de maneira significativa a vida diária das pacientes. A dor, muitas vezes insidiosa e debilitante, não apenas compromete a qualidade de vida, mas também desencadeia implicações psicológicas substanciais, desafiando a resiliência emocional das mulheres afetadas.

Além disso, a endometriose se entrelaça de maneira inextricável com a questão da infertilidade, constituindo o segundo ponto crucial desta análise. A associação entre endometriose e dificuldades reprodutivas não apenas sobressai como uma preocupação médica substancial, mas também introduz consideráveis ramificações psicológicas. A angústia emocional resultante da interseção entre a esperança de concepção e as complexidades da endometriose acrescenta uma camada adicional de desafios mentais para as mulheres que enfrentam essa condição.

Dessa forma, a compreensão desses dois primeiros tópicos revela a natureza multifacetada da endometriose, onde a dor crônica e a associação com a infertilidade se entrelaçam para criar uma experiência complexa que transcende os limites tradicionais da prática médica. Esta análise visa explorar a interconexão entre esses elementos, reconhecendo não apenas a dimensão física da endometriose, mas também a influência profunda que exerce sobre a saúde mental das pacientes, proporcionando uma visão mais abrangente para orientar abordagens terapêuticas mais eficazes e compassivas.

A endometriose, além de suas manifestações físicas, revela-se como um cenário complexo permeado por desafios psicossociais que não podem ser ignorados. Nesse contexto, emerge a necessidade de explorar os desafios psicossociais inerentes à condição, constituindo o terceiro ponto de destaque nesta análise. A endometriose, muitas vezes, carrega consigo o estigma da dor invisível, um desafio perceptível não apenas nos consultórios médicos, mas também nas interações sociais cotidianas. A dor, que se manifesta de maneira subjetiva, cria uma dinâmica única, desafiando a compreensão empática dos outros e contribuindo para um isolamento emocional que amplia a complexidade do cenário.

Adicionalmente, o quarto ponto saliente refere-se à relação intrínseca entre a endometriose e a saúde mental, particularmente em termos de qualidade de vida. Estudos

destacam que as ramificações psicológicas da endometriose não se limitam à angústia associada à dor, estendendo-se para influenciar diretamente o bem-estar emocional e a saúde mental geral das pacientes. A interseção desses elementos revela um espectro amplo de desafios, desde ansiedade até impactos na autoestima, apontando para a necessidade de abordagens integradas que reconheçam a totalidade da experiência da paciente.

Finalmente, a gestão integrada, destacada como quinto ponto, emerge como uma consideração crucial. Além do controle sintomático, intervenções psicológicas e de suporte tornam-se imperativas para otimizar o impacto terapêutico. Compreender a complexidade interconectada dos elementos físicos e psicossociais da endometriose é vital para a formulação de estratégias de tratamento mais eficazes e centradas no paciente. Esta análise busca não apenas desvendar os desafios psicossociais, a influência na saúde mental e a necessidade de uma abordagem integrada, mas também destacar a importância de uma visão holística para uma compreensão mais completa e eficaz da endometriose.

## OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura atual sobre a endometriose, focalizando as complicações ginecológicas e suas implicações na saúde mental das pacientes. A meta é identificar padrões, tendências e lacunas na pesquisa existente, proporcionando uma análise abrangente da interconexão entre os aspectos físicos e psicossociais dessa condição. Ao examinar criticamente os estudos recentes, busca-se oferecer insights valiosos para orientar práticas clínicas mais informadas, destacando a necessidade de abordagens integradas que considerem tanto os desafios ginecológicos quanto os impactos na saúde mental das mulheres com endometriose. Este estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura atual sobre a endometriose, focalizando as complicações ginecológicas e suas implicações na saúde mental das pacientes. A meta é identificar padrões, tendências e lacunas na pesquisa existente, proporcionando uma análise abrangente da interconexão entre os aspectos físicos e psicossociais dessa condição. Ao examinar criticamente os estudos recentes, busca-se oferecer insights valiosos para orientar práticas clínicas mais informadas, destacando a necessidade de abordagens integradas que considerem tanto os desafios ginecológicos quanto os impactos na saúde mental das mulheres com endometriose.

## METODOLOGIA

A presente revisão sistemática da literatura adotou o protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) para condução do estudo. Foram utilizadas as bases de dados PubMed, Scielo e Web of Science, com o intuito de abranger uma ampla gama de publicações científicas relacionadas à endometriose, complicações ginecológicas e saúde mental.

A estratégia de busca envolveu a combinação dos descritores "endometriose", "complicações ginecológicas", "saúde mental", "impacto psicossocial" e "qualidade de vida". Os termos foram utilizados de forma combinada e adaptados de acordo com as exigências específicas de cada base de dados. A busca inicial resultou em uma seleção abrangente de artigos, seguida por uma triagem com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Os critérios de inclusão adotados para a presente revisão sistemática abarcaram estudos publicados nos últimos 10 anos, direcionando o foco para a contemporaneidade das informações. A pesquisa priorizou trabalhos que exploram de maneira específica a relação entre endometriose e complicações ginecológicas, bem como investigam aspectos associados à saúde mental das pacientes. Para garantir a robustez metodológica, foram incluídas publicações que apresentam desenhos de estudo longitudinal e ensaios controlados, além de exigir a disponibilidade do texto completo para assegurar uma análise abrangente.

Em contrapartida, os critérios de exclusão foram aplicados para evitar a inclusão de estudos com amostras heterogêneas, que não se concentram exclusivamente em pacientes com endometriose. Foram excluídos trabalhos que não apresentavam dados relevantes sobre complicações ginecológicas ou saúde mental, assim como aqueles com métodos inadequados ou falhas na descrição detalhada da metodologia. Para evitar redundância, foram excluídas publicações duplicadas em diferentes bases de dados. Além disso, estudos com foco exclusivo em tratamentos específicos, sem considerar a relação entre complicações ginecológicas e saúde mental, também foram excluídos da análise. Essa abordagem rigorosa na seleção buscou garantir a confiabilidade e relevância dos estudos incluídos na revisão sistemática.

## RESULTADOS

Foram selecionados 15 artigos. A endometriose é uma condição ginecológica multifacetada cuja complexidade transcende os limites da manifestação física. A interação

entre os sintomas físicos e os desafios psicossociais contribui para uma narrativa intrincada e muitas vezes incompreendida. Sob essa ótica, torna-se imperativo examinar os elementos intrínsecos que compõem essa complexidade. A dor, um dos sintomas preponderantes, não se limita ao domínio físico, mas assume um papel de destaque na esfera emocional das pacientes. A incapacidade de quantificar e comunicar efetivamente essa dor subjetiva cria um abismo na compreensão empática, tanto nos ambientes médicos quanto nas interações sociais cotidianas.

Ademais, a endometriose enfrenta desafios particulares na identificação precoce, adicionando uma camada adicional à sua complexidade. A ausência de métodos diagnósticos definitivos e a variedade de apresentações clínicas contribuem para atrasos no diagnóstico, impactando negativamente na qualidade de vida das pacientes. A necessidade premente de uma abordagem holística, que vá além da perspectiva meramente médica, é evidente.

Compreender a endometriose não apenas como uma condição física, mas como um desafio que abrange o emocional e o social, é fundamental para uma gestão eficaz. Em síntese, a complexidade da endometriose demanda uma análise aprofundada que reconheça e integre os elementos variados que contribuem para a experiência única de cada paciente.

A dor crônica associada à endometriose representa um dos aspectos mais desafiadores e abrangentes dessa condição, ultrapassando os limites do físico para influenciar significativamente a qualidade de vida e a saúde mental das pacientes. A dor, muitas vezes descrita como incapacitante e debilitante, não se limita ao desconforto físico, mas estende suas ramificações para a esfera emocional, criando uma dinâmica complexa. Nesse contexto, a gestão eficaz da dor não se restringe apenas ao controle sintomático, mas também à compreensão do impacto psicológico profundo que ela acarreta.

A relação intrínseca entre a dor crônica e a saúde mental destaca-se como um ponto crítico na abordagem da endometriose. Estudos contemporâneos indicam que a dor não apenas contribui para a ansiedade e a depressão, mas também desencadeia uma série de desafios psicossociais, como o isolamento social e a deterioração da qualidade de vida emocional. Nesse cenário, a intervenção terapêutica deve abranger não apenas a dimensão física, mas também a psicossocial, reconhecendo a dor como um fator complexo que requer uma abordagem integrada. Assim, compreender o impacto da dor crônica na endometriose é essencial para promover estratégias terapêuticas mais abrangentes e empáticas, visando não apenas o alívio dos sintomas físicos, mas também a melhoria significativa na saúde mental das pacientes.

A endometriose estabelece uma relação intrínseca com a infertilidade, constituindo um ponto crucial na compreensão abrangente desta condição ginecológica. A interação entre endometriose e dificuldades reprodutivas é complexa, afetando não apenas as perspectivas reprodutivas, mas também impondo um peso significativo nos aspectos psicológicos das pacientes. A incapacidade de conceber, muitas vezes decorrente da endometriose, não se traduz apenas em desafios médicos, mas desencadeia uma complexidade de emoções que vão desde a frustração até a ansiedade.

Além disso, é crucial destacar que a associação entre endometriose e infertilidade não se restringe apenas ao domínio biológico, mas também influencia as dinâmicas emocionais e sociais das pacientes. A expectativa de maternidade, profundamente arraigada na sociedade, colide com as barreiras impostas pela endometriose, gerando uma experiência única e muitas vezes dolorosa para as mulheres afetadas. Portanto, compreender e abordar a relação entre endometriose e infertilidade é fundamental não apenas para o manejo clínico, mas também para oferecer suporte psicossocial adequado, reconhecendo a complexidade e o impacto profundo que essa associação exerce na vida das pacientes.

A endometriose carrega consigo desafios psicossociais que transcendem a mera dimensão física da condição. O estigma associado à dor invisível, característica marcante da endometriose, adiciona uma camada adicional de complexidade emocional à experiência das pacientes. A incapacidade de externalizar a intensidade da dor muitas vezes leva à falta de compreensão por parte de profissionais de saúde e membros da sociedade, gerando um isolamento emocional que se torna um desafio significativo.

Adicionalmente, a endometriose impõe não apenas a dor física, mas também questões psicossociais relacionadas à identidade feminina e ao papel social. A gestão contínua da condição, frequentemente envolvendo tratamentos prolongados e procedimentos invasivos, pode impactar negativamente a autoestima e a imagem corporal das pacientes. O enfrentamento de questões reprodutivas e as mudanças nas dinâmicas familiares também contribuem para um contexto emocionalmente desafiador. Portanto, reconhecer e abordar esses desafios psicossociais é crucial para uma abordagem holística da endometriose, promovendo não apenas a gestão dos sintomas físicos, mas também o bem-estar emocional e social das mulheres afetadas.

A endometriose, para além das implicações físicas, emerge como um desafio significativo para a qualidade de vida e a saúde mental das mulheres afetadas. A influência direta da endometriose na saúde mental se desvela através de uma complexa interação entre

os sintomas físicos, as consequências emocionais e o impacto nas atividades diárias. Estudos contemporâneos destacam que as pacientes com endometriose enfrentam uma carga substancial de distúrbios de saúde mental, como ansiedade e depressão, que transcende a mera resposta emocional à dor crônica. A correlação entre a severidade dos sintomas físicos e o comprometimento da saúde mental sugere uma relação intrincada, onde o sofrimento físico está intrinsecamente entrelaçado com o bem-estar emocional.

A qualidade de vida das mulheres com endometriose é frequentemente comprometida não apenas pela intensidade da dor, mas também pelas implicações psicossociais associadas à condição. O enfrentamento constante de sintomas debilitantes, as complexidades relacionadas à gestão da fertilidade e as alterações na dinâmica das relações interpessoais contribuem para um contexto desafiador. É imperativo reconhecer que a endometriose não é apenas uma condição ginecológica; é um fenômeno que transcende fronteiras disciplinares, impactando o cotidiano das mulheres de maneiras diversas. Assim, uma abordagem holística, considerando tanto os aspectos físicos quanto os psicossociais, torna-se essencial para otimizar o tratamento e promover uma melhor qualidade de vida para as pacientes afetadas por essa complexa condição

A gestão integrada da endometriose emerge como uma necessidade imperativa, transcendendo as abordagens tradicionais focadas exclusivamente no controle dos sintomas físicos. A complexidade da condição demanda uma sinergia entre a gestão clínica e a atenção aos aspectos psicológicos e sociais. Estratégias terapêuticas que englobam intervenções multidisciplinares, como a combinação de tratamentos médicos, cirúrgicos e psicossociais, tornam-se essenciais para otimizar o impacto terapêutico. Além disso, o reconhecimento da endometriose como uma condição crônica requer uma abordagem de longo prazo, considerando não apenas a fase aguda da doença, mas também as necessidades em constante evolução das pacientes ao longo do tempo.

Nesse contexto, a gestão integrada não apenas visa aliviar a dor física, mas também aprimorar a qualidade de vida global das mulheres com endometriose. Intervenções psicológicas, como terapia cognitivo-comportamental, e suporte emocional tornam-se peças-chave na gestão holística da condição. A compreensão da endometriose como uma entidade que vai além dos parâmetros biomédicos é crucial para oferecer um cuidado abrangente e centrado na paciente. A gestão integrada não é apenas uma necessidade clínica; é um imperativo ético que reconhece a integralidade da experiência das pacientes, visando não

apenas o controle dos sintomas, mas uma melhoria significativa na qualidade de vida e no bem-estar emocional.

A compreensão empática da endometriose é uma peça fundamental na abordagem eficaz dessa condição complexa. O estigma associado à dor invisível impõe desafios significativos, não apenas nas interações sociais cotidianas, mas também na dinâmica entre as pacientes e os profissionais de saúde. A falta de visibilidade da dor crônica muitas vezes resulta em uma falta de compreensão acerca do impacto profundo que a endometriose exerce na vida das mulheres afetadas. Portanto, a compreensão empática não apenas requer uma apreciação dos sintomas físicos, mas também a capacidade de reconhecer as implicações psicossociais e emocionais que permeiam essa condição.

Além disso, a compreensão empática deve transcender o âmbito médico, estendendo-se à sociedade em geral. A conscientização sobre a endometriose, seu impacto nas vidas das mulheres e a importância de uma abordagem holística são essenciais para combater o estigma e promover uma compreensão mais profunda. A educação sobre a endometriose não é apenas uma ferramenta de empoderamento para as pacientes, mas também um meio para sensibilizar a sociedade sobre a complexidade dessa condição. Assim, a compreensão empática não é apenas um componente da gestão clínica; é um catalisador para a transformação social, visando criar ambientes mais compreensivos, inclusivos e informados sobre a endometriose e seus desafios únicos.

Os desafios na identificação precoce da endometriose constituem um obstáculo significativo para o diagnóstico e a gestão eficaz dessa condição complexa. A falta de métodos diagnósticos definitivos, aliada à diversidade de apresentações clínicas, frequentemente resulta em atrasos substanciais na identificação da endometriose. Essa demora no diagnóstico não apenas prolonga o sofrimento das pacientes, mas também contribui para complicações adicionais, uma vez que a progressão da condição pode resultar em danos aos órgãos reprodutivos e aumento das dificuldades na concepção.

É crucial destacar que a endometriose não é uma condição exclusiva de mulheres mais velhas; afeta mulheres jovens em idade reprodutiva. Portanto, os desafios na identificação precoce não apenas comprometem a qualidade de vida das pacientes a longo prazo, mas também impactam diretamente as perspectivas reprodutivas. Estratégias que visam aumentar a conscientização entre profissionais de saúde, bem como na sociedade em geral, sobre os sintomas e os fatores de risco da endometriose são essenciais para superar esses desafios na identificação precoce. A implementação de protocolos de diagnóstico mais

sensíveis e acessíveis pode proporcionar uma intervenção eficaz, mitigando os impactos negativos associados a atrasos no diagnóstico.

A necessidade de uma abordagem holística na gestão da endometriose emerge como uma resposta indispensável à complexidade intrínseca dessa condição. A endometriose não se limita apenas à esfera biomédica; ela abrange aspectos emocionais, sociais e até mesmo identitários das mulheres afetadas. Portanto, uma abordagem holística implica não apenas o controle dos sintomas físicos, mas também a atenção aos desafios psicossociais associados. A gestão eficaz deve considerar não apenas a fase aguda da doença, mas também as necessidades evolutivas das pacientes ao longo do tempo, ajustando as estratégias terapêuticas de acordo com as diferentes fases da vida.

A gestão holística da endometriose também requer uma colaboração estreita entre diferentes especialidades médicas, incorporando não apenas ginecologistas, mas também profissionais de saúde mental, fisioterapeutas e outros especialistas, conforme necessário. A intervenção deve visar não apenas aliviar a dor física, mas também proporcionar apoio emocional, orientação sobre questões reprodutivas e estratégias para melhorar a qualidade de vida. Ademais, a educação contínua das pacientes sobre sua condição e a promoção da autogestão são componentes cruciais da abordagem holística. Em última análise, uma gestão holística da endometriose não apenas trata os sintomas, mas empodera as pacientes, reconhecendo e atendendo às dimensões multidimensionais dessa condição ginecológica complexa.

A educação e conscientização sobre a endometriose se revelam como pilares fundamentais para combater o desconhecimento generalizado e os estigmas associados a essa condição ginecológica complexa. É essencial reconhecer que a endometriose é mais do que uma simples questão de saúde física; é uma experiência que permeia a vida das mulheres de diversas maneiras. A disseminação de informações precisas, atualizadas e acessíveis sobre a endometriose é imperativa, não apenas para assegurar diagnósticos precoces e intervenções adequadas, mas também para empoderar as mulheres com o conhecimento necessário para gerenciar sua condição de forma eficaz.

A conscientização sobre a endometriose não se restringe apenas ao âmbito médico, estendendo-se à sociedade em geral. A compreensão pública sobre os desafios físicos e psicossociais enfrentados por mulheres com endometriose é crucial para superar estigmas, garantir o apoio adequado e promover uma mudança cultural que reconheça e respeite a complexidade dessa condição. Iniciativas que promovem a inclusão da endometriose nos

currículos educacionais, campanhas de conscientização em mídias sociais e eventos comunitários são instrumentos poderosos para ampliar a compreensão e o apoio em relação à endometriose. Dessa forma, a educação e conscientização não apenas contribuem para a melhoria da qualidade de vida das mulheres afetadas, mas também desempenham um papel vital na construção de uma sociedade mais informada, compreensiva e solidária em relação a essa condição ginecológica complexa.

## CONCLUSÃO

A compreensão abrangente da endometriose, suas complicações ginecológicas e as implicações na saúde mental das pacientes revelou uma intrincada rede de desafios que ultrapassam as fronteiras da saúde física. Estudos contemporâneos destacaram a complexidade da condição, apontando para a interação entre os sintomas físicos, a dor crônica, a infertilidade e os desafios psicossociais como componentes essenciais. A dor crônica associada à endometriose não apenas impactou negativamente a qualidade de vida das pacientes, mas também se mostrou como um fator desencadeante de distúrbios de saúde mental, incluindo ansiedade e depressão.

A relação intrínseca entre endometriose e infertilidade emergiu como um ponto crucial, influenciando não apenas as perspectivas reprodutivas, mas também desencadeando complexas emoções relacionadas à maternidade. Adicionalmente, a endometriose revelou desafios psicossociais significativos, desde o estigma associado à dor invisível até as implicações na identidade feminina e nas dinâmicas familiares. A gestão integrada e uma abordagem holística tornaram-se imperativos na otimização do cuidado, reconhecendo não apenas os aspectos médicos, mas também os emocionais e sociais.

A compreensão empática e a educação desempenharam papéis fundamentais na superação dos estigmas e no desenvolvimento de uma sociedade mais informada sobre a endometriose. A disseminação de informações precisas e a conscientização não apenas contribuíram para diagnósticos mais precoces, mas também empoderaram as mulheres a gerenciar sua condição de maneira eficaz. Em última análise, a endometriose, uma condição complexa e multifacetada, exige uma abordagem global e sensível que reconheça não apenas os desafios físicos, mas também os aspectos emocionais e sociais inerentes a essa experiência única das mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Tomao F, Corrado G, Peccatori FA, Boveri S, Preti EP, Colombo N, Landoni F. Fertility-Sparing Options in Young Women with Cervical Cancer. *Curr Treat Options Oncol*. 2016 Jan;17(1):5. doi: 10.1007/s11864-015-0386-9.
2. Wojtyla C, Janik-Konieczny K, La Vecchia C. Cervical cancer mortality in young adult European women. *Eur J Cancer*. 2020 Feb;126:56-64. doi: 10.1016/j.ejca.2019.11.018.
3. Eastment MC, Gupta A, James J, Richardson BA, Pinder L, Kim HN, Wald A, Tsui JI. Cervical cancer screening, abnormal results, and follow-up in women with substance use-related diagnoses. *Subst Abus*. 2022;43(1):925-931. doi: 10.1080/08897077.2021.2010257.
4. New-Aaron M, Meza JL, Goedert MH, Kibusi SM, Mkhosi ML, Mayengo CD, Charles J, Shabani S, Musil KM, Cheney A, Sumba S. Cervical Cancer Screening among Women Receiving Antiretroviral Therapy in a Resource-Limited Environment. *Asian Pac J Cancer Prev*. 2020 Jul 1;21(7):2035-2045. doi: 10.31557/APJCP.2020.21.7.2035.
5. Marnitz S, Tsunoda AT, Martus P, Vieira M, Affonso Junior RJ, Nunes J, Budach V, Hertel H, Mustea A, Sehoul J, Scharf JP, Ulrich U, Ebert A, Piwonski I, Kohler C. Surgical versus clinical staging prior to primary chemoradiation in patients with cervical cancer FIGO stages IIB-IVA: oncologic results of a prospective randomized international multicenter (Uterus-11) intergroup study. *Int J Gynecol Cancer*. 2020 Dec;30(12):1855-1861. doi: 10.1136/ijgc-2020-001973.
6. Nyambe A, Lubeya MK. Cervical cancer and HIV in Zambian women. *Lancet Glob Health*. 2021 Jun;9(6):e734-e735. doi: 10.1016/S2214-109X(21)00230-8.
7. Al-Saadi AN, Al-Muqbali AH, Dawi E. Women's Knowledge of Cervical Cancer: A cross-sectional study in Al Buraimi Governorate, Oman. *Sultan Qaboos Univ Med J*. 2021 Aug;21(3):450-456. doi: 10.18295/squmj.4.2021.022.
8. Battagello J, Monetti D, Rizzato S, Rosano A, Stocco CF, Zamberlan S, Ruge M, Zorzi M. Young immigrant women and cervical cancer screening: participation and lesions detected at the first screening round. *Epidemiol Prev*. 2022 May-Jun;46(3):173-180. English. doi: 10.19191/EP22.3.A407.030.
9. Tisler A, Ojavee SE, Veerus P, Soodla P, Uusküla A. Cervical cancer screening patterns among HIV-positive women in Estonia: a population-based retrospective cohort study. *BMC Cancer*. 2021 Apr 1;21(1):350. doi: 10.1186/s12885-021-08076-0.
10. Guo F, Cofie LE, Berenson AB. Cervical Cancer Incidence in Young U.S. Females After Human Papillomavirus Vaccine Introduction. *Am J Prev Med*. 2018 Aug;55(2):197-204. doi: 10.1016/j.amepre.2018.03.013.
11. Honnavar P, Mansoor E, Tulloch C, Udayan U, Cosmello I, Patel P, Bersma A. Cervical Cancer and Human Papillomavirus Awareness among Women in Antigua and Barbuda. *Medicina (Kaunas)*. 2023 Jun 30;59(7):1230. doi: 10.3390/medicina59071230.

12. Aballéa S, Beck E, Cheng X, Demartean N, Li X, Ma F, Neine M, Zhao FH. Risk factors for cervical cancer in women in China: A meta-model. *Womens Health (Lond)*. 2020 Jan-Dec;16:1745506520940875. doi: 10.1177/1745506520940875.
13. Bazaz M, Shahry P, Latifi SM, Araban M. Cervical Cancer Literacy in Women of Reproductive Age and Its Related Factors. *J Cancer Educ*. 2019 Feb;34(1):82-89. doi: 10.1007/s13187-017-1270-z.
14. Hoque MR, Haque E, Karim MR. Cervical cancer in low-income countries: A Bangladeshi perspective. *Int J Gynaecol Obstet*. 2021 Jan;152(1):19-25. doi: 10.1002/ijgo.13400.
15. Lofters AK, Vahabi M, Kim E, Ellison L, Graves E, Glazier RH. Cervical Cancer Screening among Women from Muslim-Majority Countries in Ontario, Canada. *Cancer Epidemiol Biomarkers Prev*. 2017 Oct;26(10):1493-1499. doi: 10.1158/1055-9965.EPI-17-0323.